

galeria nara roesler

josé patricio

José Patrício apresenta coletânea de trabalhos produzidos nos últimos dez anos, trazendo como novidade formatos menores na exibição de variações geométricas que criam grafismos

O pernambucano José Patrício faz sua estreia na Galeria Nara Roesler do Rio de Janeiro a partir do dia 01 de outubro, trazendo uma série e oito (se preferirem, nove trabalhos) trabalhos produzidos nos últimos dez anos, com seleção e texto de parede de Felipe Scovino. No conjunto, trabalhos de técnicas variadas trazem como eixo comum o uso de padrões geométricos na composição de grafismos com materiais cotidianos, muitas vezes descartados ou não valorizados, como botões, lápis de papel, pregos e os dominós e dados que já se tornaram marca registrada do artista.

Uma novidade são obras de dimensões mais reduzidas que, por exemplo, na última exposição realizada na Galeria Nara Roesler de São Paulo, Afinidades Cromáticas (2014), em que todos os trabalhos tinham as dimensões de 155,5 x 160,5 cm.

Um novo trabalho dessa série, Afinidades Cromáticas - Dourados (2015), é o carro-chefe da mostra. Com uma infinidade de botões dourados nos mais variados formatos bordados sobre um fundo de tom terroso, lembrando ouro velho, o trabalho recente aproveitou a sobra dos botões dourados, que não foram usados nas peças da exposição

abertura

01.10.2015 19h > 22h

exposição

01.10 > 14.11.2015

seg > sex 10h > 19h

sáb 11h > 15h

galeria nara roesler

rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

www.nararoesler.com.br

info@nararoesler.com.br

assessoria de imprensa

agência guanabara

t 55 (11) 3062 6399

diego sierra

diego@agenciaguanabara.com.br

laila abou

laila@agenciaguanabara.com.br

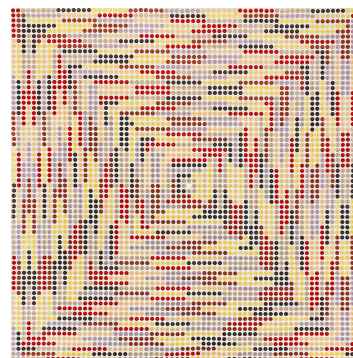
do ano passado. Com a incidência de luz sobre os metais, a obra ganha um efeito brilhante impactante.

Obra Cega e Obra Cega II, ambas com 67 x 67 cm, também trazem um brilho que deve mudar com a ação do tempo. Sendo ambas superfícies quadradas de madeira recobertas com pregos de cobre e de latão, respectivamente, apresentam o brilho dos materiais metálicos em diferentes matizes, de acordo com sua idade. "Tanto o cobre quanto o latão se alteram com a ação do tempo, vão ganhando uma pátina, uma oxidação. Já há essa diferença entre os pregos: os mais novos são mais brilhantes, os mais antigos já mostram pontos escurecidos. É um elemento que deve ser incorporado pela obra", declara José Patrício.

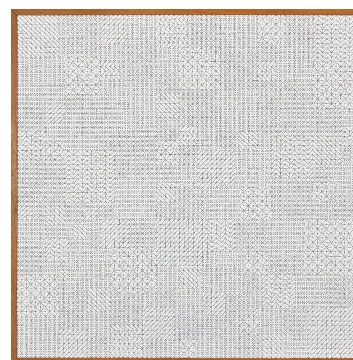
Com a colocação dos pregos muito próximos um ao outro, numa "precisão de arrumação", o efeito é o de uma superfície tátil, monótona e contínua. A diferença entre ambos os trabalhos é conferida pelas cabeças dos pregos: os de cobre tem cabeça mais achatada, enquanto os de latão tem cabeça mais arredondada.

Outra peça que compartilha o brilho, aqui sobre uma superfície prateada, é Espelho (2006/2014, edição de três exemplares + exemplar de exibição). Apesar de trabalhar com brilho, sua dimensão é a menor do grupo apresentado na mostra: 24 x 43,5 cm. São 6.274 peças de metal organizadas dentro de uma caixa de acrílico da mesma forma que as obras da série 112 Dominós, colocadas uma ao lado da outra em camadas sobrepostas. Pela formação de uma superfície lisa, cria-se uma reflexão das imagens como um espelho, daí seu nome. Mas a imagem refletida não é perfeita: pela fragmentação das peças que formam a superfície refletora, o que se vê é uma figura fragmentária projetada no plano prateado.

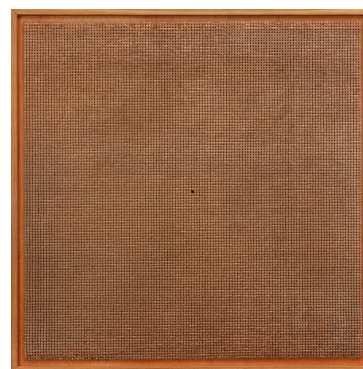
Catorze obras exibidas em um único conjunto trazem como base de composição os dominós. Dominós - Série Branca (2012/2015) é um grupo de pequenas placas de madeira de 32 x 32 cm cobertas com dominós pintados primeiramente com esmalte sintético, recoberto ainda com tinta automotiva. "Elas começaram a ser feitas há muito tempo



sete em sete, 2013
botões sobre tela sobre madeira
138 x 138 cm



mosaíco, 2014
dados de resina sobre madeira
58,5 x 58,5 cm



obra cega, 2014
15.625 tachas de cobre sobre madeira ed 1/2
67 x 67 cm

atrás, em 2012, e ficaram no meu ateliê, então resolvi revitalizá-las com a tinta automotiva, que deu um novo brilho às obras, monocromáticas", conta Patrício.

O dominó também é matéria-prima de Superfície Ondulada em Branco II (2011), que cria um efeito de ondulação suave por meio da sobreposição e do desbaste da tinta em sua forma. Sobre uma superfície, os dominós de resina branca são aplicados de forma a ganharem inclinação alternada. Quando uma peça tem sua ponta esquerda elevada, a seguinte ganha elevação na ponta direita.

Essa alternância da colocação dos dominós já cria por si só uma ilusão de ondas sobre a superfície, ainda de forma mais geométrica, pelo formato retangular dos dominós. Para dar fluência ao ritmo visual ondulado, o artista aplicou esmalte acrílico branco em diagonais. "Depois do esmalte seco, passa-se uma lixa e cria-se a suavidade da ondulação. Em alguns casos, a peça perde sua marcação de dominó. Ficam apenas vestígios, resquícios do que a peça foi. Então é um processo que vai desbastando, revelando o que a tinta branca cobriu, e ao mesmo tempo apagando os números das peças", diz o artista.

Se os dominós surgem parcial ou totalmente recobertos pelo branco ou desbastados, os dados, componentes numéricos de forte qualidade visual lógica, têm na junção dos mesmos números de suas faces a formação de padronagens geométricas rítmicas. Essa é a forma compositiva da obra Mosaico (2014), um quadrado de 58,5 x 58,5 cm em que dados muito pequenos criam padrões visuais pela aglomeração dos números 3, 4 e 5.

Seguindo a ordenação de materiais por uma regra pré-estabelecida e seguida à risca para formar efeitos gráficos, duas obras da série Vanitas -- Vanitas - Notações em Campo Aleatório (2015, 52 x 52 cm) e Vanitas - Notações Ritmadas em Campo Aleatório (2015, 42 x 42 cm) -- retomam figuras de caveiras para lembrar o caráter perecível do homem. "As Vanitas (vaidades), expressões artísticas que ressaltam a finitude do ser humano, aglutinam tematicamente o primeiro conjunto de obras.

Quando as pinturas vanitas se popularizaram, no século XVII, o mundo europeu passava pelo estremeamento de certezas detonado parcialmente pela ascensão do Protestantismo. Os quadros apresentavam elementos que advertiam severamente sobre a brevidade da vida e a vanidade das riquezas e dos luxos terrenos, sendo quase que constante a presença da caveira ou mesmo do esqueleto inteiro. José Patrício transpõe esta discussão para a atualidade ao trabalhar a imagem da caveira (...)", segundo a curadora Cristiana Tejo.

Patrício utiliza lápis de papel envelhecidos, desbotados, para criar uma sequência rítmica intercalada por pequenas caveiras de cerâmica, componentes de bijuterias. Em ambas as obras, os lápis são arrumados em movimento de espiral de fora para dentro das superfícies quadradas em que são sobrepostos, cerrados em esquadria de 45 graus. A diferença da notação em campo aleatório comum para a ritmada é que na segunda as caveiras são dispostas no fim de cada lápis, enquanto na comum as caveiras são colocadas aleatoriamente, sem uma regra de ordenação.

Seguindo a mesma lógica organizacional em espiral, de fora para dentro, a obra Sete em Sete também usa botões como base cromática de composição de um esquema visual. Com botões todos do mesmo tipo, o que os diferencia são as sete cores dispostas em grupos de sete em sete botões sempre na mesma sequência, repetida novamente assim que completada. No fim do trabalho, todas as cores foram usadas sete vezes na padronagem.

Com esse apanhado abrangente e variado, José Patrício faz seu debut na Galeria Nara Roesler da capital fluminense trazendo nas entrelinhas o elogio do comum como índice e registro da existência humana. Se em seus trabalhos a mão do artista dá lugar a elementos cotidianos, é para colocar em primeiro plano a coletividade, representada tanto no agrupamento das matérias-primas quanto na escolha desses elementos, resultantes do trabalho de tantas outras mãos. Pela junção de peças banais senão pela compreensão da técnica criada pelo homem para suas forjas, formam-se jogos de imagem completados pela

figura do espectador, complementar ao artista.

sobre o artista

José Patrício nasceu em 1960, em Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a *22ª Bienal de São Paulo* (1994) e a *3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul*, em Porto Alegre (1994), ambas no Brasil; e a *8ª Bienal de Havana*, Cuba (2003). Participações recentes em exposições coletivas incluem: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brasil, 2013); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica, 2011); e *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2009). Suas mais recentes mostras individuais são: *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008). Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.

sobre a galeria

A Galeria Nara Roesler, uma das principais galerias de arte contemporânea brasileiras, representa artistas influentes da década de 1960, além de renomados artistas em atividade que dialogam com as tendências inauguradas por essas figuras históricas. Fundada em 1989 por Nara Roesler, e dirigida em parceria com seus filhos Alexandre e Daniel Roesler, a galeria fomenta a inovação curatorial consistentemente há vinte e cinco anos, sempre mantendo os mais altos padrões de qualidade em suas produções artísticas. Para tanto, desenvolveu um programa de exposições seletivo e rigoroso, criado em estreita colaboração com seus artistas; implantou e manteve o programa Roesler Hotel: uma plataforma para projetos curatoriais; e forneceu apoio contínuo a artistas além do espaço da galeria, trabalhando em parceria com instituições e curadores para apresentar iniciativas

inovadoras e projetos empolgantes em exposições externas. Com um rol de artistas inovadores – como Abraham Palatnik, Antonio Dias, Hélio Oiticica, Paulo Bruscky e Tomie Ohtake – e uma nova geração liderada por Artur Lescher, Carlito Carvalhosa, Lucia Koch, Marcos Chaves, Melanie Smith e Virginia de Medeiros, a galeria mantém seu compromisso de preservar o legado de figuras históricas e incentivar a prática de artistas iniciantes e consagrados nos âmbitos local e internacional. Além de duplicar seu espaço expositivo em São Paulo em 2012, em 2014, a galeria abriu sua nova filial no Rio de Janeiro, cumprindo sua missão de participar do mundo das artes de forma ativa e influente.